



LUÍS FERNANDO Veríssimo, Oscar Niemeyer, Lula, José Dirceu, Leonel Brizola e Waldir Pires no ato de ontem

Aliados defendem mudanças no programa de TV de Lula

Requião pede emoção. Dirceu diz que nada vai ser alterado

Florência Costa

• SÃO PAULO. Descontentes com o programa eleitoral de TV de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), o candidato a vice na coligação União do Povo-Muda Brasil, Leonel Brizola (PDT), e o senador Roberto Requião (PMDB) fizeram ontem um apelo público a Lula para que a propaganda televisiva seja modificada na reta final da campanha. Eles pediram mais emoção e que o programa seja mais claro ao explicar os efeitos da crise na vida das pessoas. Diante da constatação de que o programa de TV não está atingindo o eleitorado como se pretendia, o pedido dos aliados de Lula é que a propaganda eleitoral seja mais emotiva e explique melhor ao telespectador como o dia-a-dia será afetado, com o aumento dos juros e a retração no comércio.

Pedetistas têm reclamado que não influenciam programa

Há tempos, os pedetistas reclamam nos bastidores de uma outra questão. Eles dizem que não estão podendo exercer qualquer tipo de influência sobre o programa de Lula. As cobranças foram feitas no almoço organizado no Clube Atlético São Paulo, durante ato de instalação do conselho político de Lula, com 107 nomes de personalidades alinhadas com a oposição ao Governo Fernando Henrique Cardoso.

Num discurso emocional, durante a apresentação do conse-

lho, Lula ignorou os apelos de Brizola e Requião e preferiu atacar a mídia, acusando-a de ser subserviente ao Governo. O candidato petista admitiu que poderá perder a eleição, mas afirmou que não vai perder a dignidade.

Na salão estavam presentes 90 pessoas, entre elas o arquiteto Oscar Niemeyer, e o empresário Lawrence Pih. Depois do almoço, os coordenadores da frente de esquerda se reuniram na sede da produtora de TV para discutir os rumos do programa na reta final.

Requião: "Programa tem que ser cortante como navalha"

Requião — que é candidato ao Governo do Paraná por uma frente de esquerda que tem a participação do PT — disse que discursos nacionalistas, como por exemplo, sobre a privatização da Companhia Vale do Rio Doce, não comovem mais a população, que, segundo ele, só se mobilizaria em torno de temas que afetam a sua vida, como o desemprego.

— Precisamos descer mais para o dia-a-dia da população. O programa de TV precisa ser cortante como a lâmina de uma navalha. Não precisamos de uma campanha agressiva, mas esclarecedora e contundente. Isto não é um lamento, mas um apelo. Tenho certeza de que com Lula e Brizola falando na TV, nós viramos este jogo. Lula, não use o teleprompter (monitor onde aparece o texto a ser lido). Sem ele, você ganha — apelou Requião.

Depois do discurso de Requião, foi a vez de Brizola desabafar em público, diante de uma plateia perplexa, pedindo mais emoção no programa. Ao lado, Lula ouviu as críticas calado.

Um dos coordenadores da campanha, Tarso Genro disse no fim do almoço que concorda com Requião em relação à necessidade de o programa ser mais emotivo. Já o presidente do PT, José Dirceu, afirmou que não haverá mudanças no programa.

Lula centra suas críticas na cobertura da mídia

Demonstrando revolta, Lula fez o discurso mais duro em relação à mídia de toda a campanha eleitoral. O candidato — que disputa pela terceira vez consecutiva a Presidência — disse que em todas as vezes que ele concorreu a mídia criou um clima de medo para prejudicar a sua candidatura.

— Nem nos tempos do "Brasil Ame-o ou Deixe-o" a imprensa foi tão subserviente às classes dominantes. Na época da ditadura, a imprensa se rebelava, publicava receitas de bolo nos jornais. Existe um componente novo nesta eleição: a imprensa está ideologicamente comprometida com um candidato. É precisa haver uma rebeldia das pessoas que escrevem neste país. Podemos até perder uma eleição. O que não poderemos perder é a dignidade e nos submetemos aos caprichos das pessoas que não querem o segundo turno — protestou Lula. ■